

Contraespaços e corpos-close: micropolítica e estéticas em festividades¹

Vyullheney Fernandes de Araujo LACAVA²
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN

Resumo

A presente comunicação emerge a partir de incursões em ambientes festivos, onde o corpo está sempre produzindo felicidades, quer sejam estas momentâneas ou duradouras. Realiza-se então exposição cartográfica, explorando a composição de mapas-imagens que intenta rastrear as *intensidades possíveis*, bem como a *formações do novo* – ou criação de *contraespaços* e *contra-corpos* – na cidade de Natal-RN. Desta forma, faz-se uma reflexão na temática da estética e do corpo, abarcando como em ambientes festivos os corpos estão atuando sob múltiplas maneiras, montando-se e desmontando-se. Interessa aqui a problematização do ambiente festivo enquanto perpassado de micropolíticas, onde corpos agem enquanto fábricas de *desejos* e *máquinas de guerras*, comunicando sobre si as demais existências.

Palavras-chave: close; corpo-close; micropolíticas; festividades; cartografia.

A presente comunicação trata-se de uma incursão naquilo que o projeto de pesquisa de doutoramento intitulado *Cartografando corpos-close: fluxos e redes nos processos de subjetivação* que está desenvolvendo no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Esse projeto de pesquisa tem por interesse a compreensão da cena noturna da cidade de Natal – RN. A pesquisa vem sendo desenvolvida a partir de investimentos intelectuais em frentes distintas, como ficará exposto mais adiante. Quando adentrado acerca de manifestações artísticas e culturais no Bairro da Ribeira de Natal-RN pôde ser percebida uma efervescência que por ali acontecia, em meados de 2008 e nos anos seguintes.

Num primeiro momento os olhares estiveram direcionados aos jovens que estavam realizando produções musicais e que estavam no circuito musical da Ribeira. Uma das

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Culturas Urbanas, do XVI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutorando em Ciências Sociais no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais – UFRN, Mestre em ciências sociais pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais – UFRN, Bacharel e Licenciado em Ciências Sociais pela UFRN. Integrante do POIESIS – Grupo de Estudos de Culturas e Subjetividades, email: vyullheney@yahoo.com.br.

bandas focais para a pesquisa, que resultou numa monografia³ foi o *Emblemas Funk*, que estava inserindo no contexto do ambiente nomeado Galpão-29 suas apresentações e produções musicais. Reteu-se das experimentações que o *Emblemas* realizava naquele circuito as conexões que as bandas teciam; conexões com outras bandas, conexões com os participantes dos eventos, conexões com os organizadores dos eventos. Neste momento o que se expressou de forma significativa foram as produções e experimentações em face de *musicalidades menores*, onde um *devir* música se expressava e realizava uma *introdução da diferença* nos ambientes festivos da cidade. Este *devir* atravessava corpos dispostos naqueles espaços; corpos biológicos, mas também corpos das produções da ordem do material e do imaterial.

Após esse momento, percebeu-se a necessidade de uma reflexão acerca da temática dos coletivos que organizavam os eventos onde as bandas tocavam. A atenção foi centrada na temática das festas e os *acontecimentos* que potencialmente elas possibilitariam. Foi elaborada então uma *Cartografia do Close: platôs festivos, platôs musicais*⁴, para trabalhar as festas e como se dá partilha e a interação em circuitos festivos entre o público e os performers da cena. O foco permaneceu na formação de grupelhos, que agitaram a cena das produções de eventos. Houve uma incursão na temática dos closes e do *corpo utópico* – na esteira de Foucault (2013), bem como o do *Corpo Sem Órgãos* de Deleuze e Guattari (2012a).

Ainda na temática das montações e dos closes, o foco atual da pesquisa direciona-se às *Drag-queens* que realizam suas performances na agenda de ambientes festivos da cidade. O ponto de partida que impulsiona o atual momento da pesquisa é o entendimento de como os humanos e não-humanos (LATOUR, 2012) estão realizando interações que se constroem em redes, dessa maneira o foco está direcionado para a apreensão como se dá a junção entre o corpo humano em interação com não-humanos; maquiagens, plumas, indumentárias, perucas e demais acessórios são utilizados no ato do montagem da performance de *drag-queens*.

O que tem inspirado a presente momento da pesquisa é a insurgência de *corpos-drag* na cena Natalense, mas não somente em Natal, há um cenário que insurge em Natal e está em conexão com outras cidades e eventos que se propõe a abarcar montações. No contexto Natalense estão acontecendo festas como a Tudere⁵, que convoca corpos-drag a

³ Lacava (2012), *Emblemas Funk Band: Performances de uma musicalidade menor em Natal – RN*.

⁴ Lacava (2016), *Cartografia do Close: platôs festivos, platôs musicais*.

⁵ Coletivo Tudere, perfil disponível em: <<https://www.facebook.com/festatudere>>. Acesso: 18/02/2016.

serem montados e frequentarem o evento, recebendo, inclusive, descontos na entrada da festa. A festa Pajux⁶ antecipou a proposta da Tudere, com outras motivações, embora que abrindo espaço pra *drag-queens* que almejavam espaço para performance. Na cidade do Rio de Janeiro – RJ constam ao menos três coletivos de eventos que tem a característica de avançar na perspectiva de desconstrução de corpos meramente “humanos”, sendo os eventos *Drag-se*⁷, *Bunytos de corpo*⁸ e *Vimos do Egyto*⁹. São coletivos e eventos que estão apresentando formas contemporâneas de se relacionar e pensar acerca do corpo e das festividades.

Lazzarato (2014), à luz de Guattari, pontuou que há uma questão política presente na estética que insurge com “mundo outro” e “vida outra”. Apresentou, dessa forma, que a criação que se dá no seio de uma configuração e organização de novos modos de ação reverbera políticas. Ainda na temática da estética, o autor mostrou que em Guattari a preocupação está não na estetização do social, mas sim na reivindicação da “produção de subjetividade como prática e preocupação central de um novo modo de ação e organização política” (LAZZARATO, 2014, p. 18). A composição de corpos-drag e de uma cena noturna natalense e/ou carioca integra um *dispositivo* de diversão misto, composto por apresentações musicais, performances de palco de *drag-queens*, produções e execuções musicais por parte de DJs e a interação com os participantes da cena. Uma ambiência que se aciona para a composição de novas configurações do social, de interações que se realizam no seio das festas e dos coletivos.

Em outros momentos, na cidade de Natal, coletivos organizadores de festas estavam realizando experimentações na criação de eventos, podendo ser listados os coletivos *Apto101*, *This Coke Is Funk* e o *Lo Que Sea*. O que pode ser percebido enquanto deslocamento entre estes coletivos que agora foram citados e os que foram listados anteriormente como foco de análise para o presente momento da pesquisa é o fato da discussão que se realiza em face da problemática do corpo, da montagem e da criação de ações que possibilitem espaços para atuação de existências que se percebem em seus efeitos *menores* (DELEUZE; GUATTARI, 2003).

⁶ Coletivo Pajux, perfil disponível em: <<https://www.facebook.com/Pajuxland>> Acesso: 18/02/2016.

⁷ Coletivo Drag-se, perfil disponível em: <<https://www.facebook.com/dragsetv>> Acesso: 18/02/2016.

⁸ Coletivo Bunytos de Corpo, perfil disponível em: <<https://www.facebook.com/bunytos.decorpo>> Acesso: 18/02/2016.

⁹ Coletivo Vimos do Egyto, perfil disponível em: <<https://www.facebook.com/vviemosdoegyto>> Acesso: 18/02/2016.

Os coletivos que organizam eventos, criaram páginas na rede social *Facebook* e estão atuando em várias frentes, sendo elas a criação de debates e *vlogs*¹⁰ para serem postados em redes sociais, criação de eventos e convocatória para atuação junto aos grupos. A questão que fica é sobre os efeitos de toda essa montagem, desta relação entre os corpos drag com a cidade e com as demais espacialidades que esta cena cria, reivindica e problematiza, que mais adiante deixaremos pistas.

Estão sendo criadas ações que possibilitam a efervescência de modos de vida, *subjetividades políticas* (LAZZARATO, 2014), que possivelmente alargam os espaços vigentes, subvertendo-os? Nestes territórios o quê deles está escapando? Como escapa? Por quais vias?

As inquietações que motivam esta pesquisa derivam da necessidade de aprofundamento do que se compreende enquanto os efeitos micropolíticos de corpos que insurgem no *socius* e que se estes resvalem em questões macropolíticas, e de quais modos. A necessidade de aprofundamento surgiu das reflexões propiciadas através da pesquisa de mestrado defendida em janeiro de 2016, no Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, intitulada, e, anteriormente citada, *Cartografia do close: platôs de festivos, platôs musicais*. A continuidade da pesquisa e o avanço na compreensão da problemática dos corpos em interação é uma tarefa a que está sendo perseguida.

Até o momento da dissertação o que se buscou foi cartografar questões presentes em cenas noturnas, buscando romper com o fechamento da cena em si nela mesma, arrastando até a rua. A “formação do novo” (DELEUZE, 1992) emerge enquanto uma experimentação que se dá no social, em sua extensão e duração. Quando insurge algo de novo, novas possibilidades arrastam corpos humanos, não-humanos e imateriais a serem experimentados e arrastados para formação de novas figurações do social.

Contracorpo: close e estética

Giorgio Agamben, (2009, p. 58) em seu ensaio *O que é o contemporâneo?* dissertou acerca da noção de contemporâneo, “É verdadeiramente contemporâneo, aquele que não coincide perfeitamente com este” tempo, diz o filósofo. O contemporâneo também não está “adequado às suas pretensões”, pretensões do tempo que formula adequações pra os corpos,

¹⁰ Os *Vlogs* são vídeos que compõem uma espécie de blog a partir da disponibilização das gravações, onde são debatidas questões por uma pessoa ou um grupo, tendo uma temática que sendo abordada como o foco temático.

para as vivências. Seriam então alguns corpos-drag presentes nas baladas contemporâneas? Seria nossa contemporaneidade um estado de ação de desajuste e anacronia? Seguindo levantando essas questões acerca do contemporâneo, se há a possibilidade de contemporaneizar-se a partir da construção de corpos-drag e se daquilo que escoa algo que se forma e insurge enquanto novidade, nossa pesquisa tem perseguido se há estas possibilidades nas noites e como isto se dá.

Lazzarato (2014), no lastro das contribuições de Guattari e Deleuze, realizou uma série de apontamentos acerca de como o capitalismo está voltado para a captação dos *processos de subjetivação*, sendo estes processos as vias de se realizar a partir de diversos dispositivos a *sujeição social e servidão maquínica* (LAZZARATO, 2014, p. 17). Desse modo, o autor apresentou como se dá o entrelaçamento entre questões do capitalismo que opera junto aos processos de subjetivação.

Preciado em *Manifesto contrassexual* (2014) falou da necessidade de se adotar *contratos contrassexuais*, onde o sistema do corpo assume novas figurações e possibilidades. Se Latour (2009, 2012) preocupou-se num debate antropológico entre a cisão do que é da ordem da *natureza* e da *cultura*, bem como a necessidade de se rastrear os corpos humanos e não-humanos, mostrando desta maneira que a modernidade é essa promessa não se cumpriu, em Preciado (2014) encontrou-se a preocupação nos termos da contrassexualidade ser não a construção de uma nova natureza para o corpo, mas o contrário, a afirmação que nada há de natural no corpo, e, por conseguinte, nas práticas as quais o corpo está sempre atrelado.

Ainda na temática da modernidade, mas continuando seguindo o lastro de Preciado, ficou marcado em seu manifesto que “a contrassexualidade não fala de um mundo por vir; ao contrário, lê as marcas daquilo que já é o fim do corpo, tal como foi definido pela modernidade” (PRECIADO, 2014, p. 24). Na temática do fim do corpo enquanto algo natural e constitutivo nas dualidades e oposições (homem/ mulher, heterossexualidade/homossexualidade), para tanto entrar nos fluxos onde estes corpos são atravessados por *tecnologias* de gênero e sexualidades. Com isso, ao elencar o pensamento de Preciado, almeja-se o debate acerca da construção do corpo-drag e se há vestígios das oposições anteriormente citadas.

A principal questão que se impõe: como acontecem os processos de subjetivação em cenas noturnas, quais enunciações e anunciações corpos-drags apresentam? Desde a montagem, até o momento do corpo em *close*, várias questões atravessam aquela

corporeidade que existe na relação entre o espaço, os corpos humanos e não-humanos (LATOUR, 2012). Aqui está inserida a nossa proposta/projeto compreensão que busca verificar se no *socius* das festividades existem meios pelos quais a vida manifesta-se enquanto uma vida de deslocamento, e, desse modo, um modo de existência que engendra políticas, fora deste ambiente circunscrito na cena cidadina.

Rolnik (2011) mostrou que na cartografia busca-se como uma existência produz efeitos nas outras existências, efeitos de captura capitalística ou efeitos de alargamento da realidade. Estamos cartografando os efeitos de vida junto de outros olhares, o cartógrafo-pesquisador e aquilo que se propõe cartografar: as cenas, os corpos-drag e falas destes ambientes. A motivação está alicerçada em corpos insanos que existem em cenários de práticas libertárias, mesmo que momentâneas. Fazendo, deste modo uma narrativa reflexiva a partir das redes interativas, onde o corpo se conecta com espacialidades, materialidades e imaterialidades.

Deparamo-nos com os corpos reais, corpos com órgãos que existem. Mas, na existência, os *corpos sem órgãos* (DELEUZE; GUATTARI, 2012a) assumem espaços no percurso da vida. Com isso, estamos atentos a fruição de um estado ao outro, e, por conseguinte, um *agenciamento coletivo* que se dá em face desse transbordamento do corpo. A produção do inconsciente em Deleuze (2014, p. 345) enquanto algo da ordem da “produção do desejo no campo social histórico”, vale-nos uma aposta de compreensão deste desejo que revela-se com a “aparição de enunciados e enunciações de um gênero novo” (idem).

Latour (2012) atentou para que o social só existe em sua existência performativa, desse modo saindo ao encontro das existências em ambientes festivos, bem como rastreamos os seus entornos, suas zonas de vizinhança e semelhança – aque se afirmam no seio dos encontros da vida. Até então a tarefa que fica é a de se rastrear os passos das montações a partir de casa até os diversos locais que o corpo ocupa na cidade. De um lado continuamos cartografando as presenças em espaços festivos, contudo valemo-nos da necessidade de se verificar a presença de *efeitos menores e maiores* no *socius*, a partir destes corpos que se dispõem nas festas e se fazem contracorpos, haja vista o modo de variação destes em associação com produções materiais e imateriais.

O que almejamos com a nossa pesquisa é, assim como inspira-nos Deleuze e Guattari (1995), investirmos no *continuum de variação* presente nos fluxos de desejos, semióticos, sensoriais; ou, como inspira Rancière (2005), uma investigação acerca da

partilha do sensível no seio da sociedade capitalista contemporânea, atentando, inclusive para as questões e críticas que pontuou Lazzarato (2014) sobre a política do sensível, assim como as críticas a Butler (2015), referentes a noção de sujeito. A virada *micropolítica* (DELEUZE; GUATTARI, 2012a) desses corpos poderia ser algo a ser pesquisado também tendo em vista a *partilha do sensível* (RANCIÈRE, 2005); com questões acerca da estética dos corpos partilhando aquilo que deles emana, enquanto formas alternativas do *uso do corpo* nas sociedades contemporâneas (apenas, um toque necessário para deixar registrado os aportes que Foucault (2014) que nos inspira).

As associações “entre-acontecem” entre os humanos e os não-humanos no social, para a construção de relações, interação e conexão. Esta foi uma pista importante que Latour (2012) nos abre, ao mesmo tempo em que sentimos certa familiaridade na ANT, na medida em que ela converge para a ideia de rizoma (DELEUZE; GUATTARI, 2011). Nesse sentido, a questão da *associação* e de *intensidades* pode ajudar a construção da compreensão dos corpos que se associam em espaços de festividades e daqueles espaços propagam novidades para fora da cena noturna.

Como os diversos corpos eróticos realizam uma comunicação direta com a metrópole comunicacional atual? Máximo Canevacci nos convida a uma incursão em suas reflexões acerca de diversos sentidos através da sua obra *Fetichismos Visuais - Corpos Eróticos e Metrópole Comunicacional* (2008). Demonstrando desde as diversas incitações que o fez pensar nessa temática do fetichismo visual, o autor começa a etnografar de forma rigorosa como esteve se deparando com esses fetichismos visuais contemporâneos e como estes exigiam uma outra forma de interpretação daquela utilizada na paisagem atual.

Tudo aquilo que se vê tem a potência de se tornar fetiche, e, com isso, fazer-se um novo uso daquela informação visual. O Canevacci (2008) nos diz que os fetiches-visuais se “estratificam transversalmente sobre a publicidade, arte, cinema, performance, design, moda, escrita e até mesmo a música”. Essas imagens poderiam então ser captadas pelos indivíduos e por eles serem devoradas, re-significadas, traduzidas, des e re-contextualizadas.

A construção dos corpos nessa metrópole comunicacional perpassaria por diversos aspectos, não mais por um referencial estático. E é a partir desses multi e divergentes aspectos que Canevacci (2008, p.18) fez a seguinte asserção: “o corpo expandido em edifícios, coisas-objetos-mercadorias, imagens, é aquilo que aqui se entende aqui por fetichismo visual”. Essas imagens, corpos, coisas-objetos-mercadorias que carregariam

consigo um forte potencial de atração visiva (fetichismos visuais), como é o caso das artes como um todo, bem como um corpo que difere da cena que se normaliza numa metrópole. Sendo assim, Canevacci (2008, p. 16) apresentou o conceito de *atrator*, sendo estes:

códigos mínimos, em detalhes mais ou menos micrológicos que têm a capacidade de exercitar uma potente atração visiva, graças ao elevado conteúdo de fetichismo visual incorporado.

Torna-se interessante ver como Canevacci esmiúça o uso de uma determinada imagem, para a construção de uma outra. Apresentando como a reelaboração de uma foto pode se tornar produtiva, não só para a construção de uma propaganda, mas para que se possa pensar sobre o momento contemporâneo do uso desses *atratores*. Nesse sentido ele trouxe à cena como a prática de plágio estava sendo difundida na Europa por uma nova geração de estilistas, possibilitando a revisitação de obras de outros artistas, re-inserido-as ao contexto atual em relação aos corpos e fetiches, ou seja, tornando-as contemporâneas. Restituir ao uso essas imagens, fazendo delas fetiches visuais, devorando esses *atratores* e fazendo deles composições corpóreas, imagéticas, artísticas é da ordem dessa metrópole comunicacional, não apenas uma realização das empresas publicitárias.

Para falarmos do que emerge enquanto close, precisamos atravessar a barreira de corpos que existem a partir da sua relação com os espaços. Nesse momento valemo-nos ainda das discussões de Latour (2012) acerca dos rastros e conexões entre humanos e não-humanos, o corpo humano sendo arrastado e deixando traços de seus modos de vida a partir da inserção de indumentárias, perucas, paetês, *collants*, glitter, maquiagens para a participação em eventos. Deste modo, discutimos então a desterritorialização do corpo, e como o Isso nos remete à indagação feita por Deleuze e Guattari (2012, p. 15) quando pensam em um *Corpo sem Órgãos*¹¹: “Que tipo é este, como ele é fabricado, por que procedimentos ele é fabricado e meios que pronunciam o que vai acontecer”. Ora, o corpo é carregado de indumentárias; ele é marcada por traços, camadas e mais camadas de maquiagens, glitter, paetês, sombras cintilantes. Mas ainda nada passou. Chega-se à noite, o corpo é jogado nela. Algo está por acontecer desde que saiu de casa. O CsO só pode ser habitado por intensidades, fazendo-as passar ou não. Então qual é a intensidade que a música faz passar para estes CsO? “*Can't stop, won't stop moving. It's like I got this music*

¹¹ Abreviação que Deleuze e Guattari utilizaram para designar a noção de *Corpo Sem Órgãos*.

in my mind sayin' it's gonna be alright”¹² e vida que segue se esgueirando por entre as fendas dos corpos, pelas bordas das caixas de som, por cabeças arreganhadas pela translucidez das bebidas e drogas sintéticas. Há portanto uma abertura neste corpo que embriaga-se nas suas utopias e acessa as velocidades e intensidades que tanto são caras ao CsO.

O corpo-close está sempre em movimentação, oscilando entre o corpo que se tem e se carrega, mas sempre passando pelos picos intensivos. Lipovetsky e Serroy (2015) frisaram que no capitalismo artista o campo das artes está sempre atravessando os corpos com a necessidade de tirar-nos o fôlego, mostrando como na contemporaneidade criam-se espaços onde tanto a fantasia, quanto um sentimento de maravilhamento e permitido. Ambientes que proporcionam “uma experiência fugidia do paraíso, de um universo sem conflito, sem sofrimento, sem ódio nem trágico” (LIPOVETSKY; SERROY, 2015, p. 307). Alguns espaços se tornam contra-espacos justamente porque em sua extensão e ambiência se desvia da realidade que lhes cerca em todas as suas arestas, como frisou Foucault (2013) acerca das heterotopias.

A pesquisa chega então ao ponto que desperta mais intensamente a insurgência de modos de vida atravessados por estéticas. O próprio corpo sendo um espaço a ser criado, recriado e bordado com camadas. O corpo-close é então atravessado por uma neomonadologia (LAZZARATO, 2006), onde a *contraespacialidade* se faz quando se abrem conexões para o corpo que dança e ricocheteia fazendo emergir possibilidades de vida. Atuando enquanto um tecido maleável, incandescente, neon, com plumas e paetês. São as camadas deste corpo que se carrega consigo, se reinventa, põe glitter, dubla, bate-cabelo, e com abrir do leque, expõe as possibilidades para vidas que remetem à urgências e emergências, fabricando alegrias.

Contraespaço: A cidade que dorme, os corpos que desfilam

As formas executadas nas ruas, bem como os closes nas baladas, expressando uma performance no contexto citadino, pode ser entendidos como algo pensado por antecipação? Antes de imaginarmos se tratarem de tramas resultantes de uma racionalização, cremos que as composições dos closes são, antes de tudo, microrevoluções de si. Quando um corpo

¹² Trecho da canção *Shake it off* de Taylor Swift. Livre tradução: Não posso parar, e nem vou parar de me mexer / É como se tivesse uma música na minha mente / Dizendo que tudo vai ficar bem. Disponível em: <https://youtu.be/nfWlot6h_JM>. Acesso em: 15/01/2016.

já não espera mais anoitecer para se sentir em casa, ele inventa para si o seu espaço. Ela não tem mais medo da claridade, está muito bem “pondo a cara no sol”¹³. A cidade vai se encarregando de receber todos os corpos que em sua extensão estão brotando.

O som dos passos de uma “bunita” na rua reinsere no espaço da cidade um pequeno movimento sonoro, o som dos passos do seu close. Se para cada um dos corpos que se aventura na cidade o pôr a cara no sol é um exercício diário, cada um o faz tentando traçar sua vida naquele espaço. Sempre estamos criando nossos corpos, como Foucault (2013) mostrou. Deleuze e Guattari (2012a) indicaram um “devir-clandestino”, como um modo de permanecer criando espaços de vida e fugindo deles. Na cidade, a vida se cria e recria, diversos espaços estão devindo um “em casa” para o corpo que busca seu lugar na passagem da vida. Deleuze e Guattari (2012b) argumentaram também que criamos territórios trazendo conosco pedaços de meios, que carregam codificações.

Um corpo criado no seio da cidade, atravessando as estéticas existentes e compondo com elas novas figurações da vida passeou diante dos nossos olhos. Investimos no close da vida para pensarmos como as vidas estão sendo atravessadas por codificações de territórios existentes, subvertendo-os e transformando em possibilidades. Se nas ruas da cidade a vida existe, é nos asfaltos da cidade que o traçado das linhas vai compondo vidas. Insistimos ainda que nas baladas da vida o corpo baila e existe nas suas composições.

A nossa opção em investir na balada enquanto esse espaço que se cria e possibilita ao alargamento e exercício de existências inspirou-se em Foucault (2013). Por serem espaços reais e localizáveis, o autor denominou-os de espaços heterotópicos. O autor deixou-nos a imagem de um espelho enquanto um lugar sem lugar, mas que possibilita que ele perceba a si. Ele realiza um esclarecimento de que o espaço do espelho é utópico, porque a imagem que ele projeta é virtual, mas não deixa de ser real, tendo em vista que o espelho existe num local específico. No tema das heterotopias o autor desenvolveu que elas são de dois tipos: as de crise e as de desvio. As heterotopias de crise apresentam-se enquanto lugares que representam “estados de crise”, (FOUCAULT, 2013, p. 21). As heterotopias de desvio são espaços que “são antes reservados aos indivíduos cujo comportamento é desviante relativamente à média ou à regra exigida” (FOUCAULT, 2013, p. 22).

O espaço da festa dedica-se ao desenvolvimento de momentos de prazer. Foucault (2013) frisou que no contexto atual o “prazer é a regra”, ou, como afirmaram Lipovetsky e

¹³ O termo “põe a cara no sol” surgiu na internet, viralizando rapidamente. Disponível em: <<https://youtu.be/kvIkULPtIOk>>. Acesso: 15/01/2016.

Serroy (2015), que citamos anteriormente, debatendo que há espaços onde ocorrem experiências de religação com fantasias. O prazer sendo tecido em conexão com outros corpos e mostra que a festa dedica-se ao encontro. Pensamos então no ambiente das festas do Galpão29, substrato empírico que até agora tivemos maior acesso e contato, enquanto uma alocação heterotópica de desvio; nele encontramos corpos que se desviam da porção média da sociedade. Deixamos somente estes breves pontos acerca dos contraespaços presentes na cidade, reconhecendo a necessidade de um melhor aprofundamento na temática, sobretudo acerca do uso que os jovens tem realizado em ambientes como os dos Centros Históricos das cidades, onde uma vida boêmia é exercida. As performances executadas com música, as músicas performadas com corpos, os corpos dançantes e os beijos aos montes configuram novas formas de desvio da média que é a cidade que dorme em suas casas. O sono sendo substituído pela festas, a cama sendo jogada no mundo.

REFERÊNCIAS

- CANEVACCI, Massimo. **Fetichismos visuais**: corpos eróticos e metrópole comunicacional. São Paulo: Ateliê editorial, 2008.
- DELEUZE, Gilles. **Conversações**. São Paulo: Ed. 34, 1992.
- _____. Cinco proposições sobre a psicanálise [1973]. In: **A ilha deserta**: e outros textos. São Paulo: Iluminuras, 2014.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Kafka: para uma literatura menor**. Rio de Janeiro: Assírio & Alvim, 2003.
- _____. 28 de novembro de 1947 – como criar para si um corpo sem órgãos. In: **Mil Platôs**: capitalismo e esquizofrenia. Vol. 3. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2012a.
- _____. **Mil Platôs**: capitalismo e esquizofrenia. Vol. 4. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2012b.
- FOUCAULT, Michel. **O corpo utópico, As heterotopias**. São Paulo: N-1 edições, 2013.
- _____. **História da sexualidade II – O uso dos prazeres**. São Paulo: Terra e Paz, 2014.
- _____. **História da sexualidade II – O uso dos prazeres**. São Paulo: Terra e Paz, 2014.
- LACAVA, Vyullheney. **Emblemas Funk Band: Performances de uma musicalidade menor em Natal – RN**. 2012. 59fs. Monografia (Bacharelado em Ciências Sociais) — Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2012.

- _____. **Cartografia do Close: platôs festivos, platôs musicais**. 2016. 126fs.
Dissertação (mestrado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2016.
- LATOURE, Bruno. **Reagregando o Social**. Salvador: Edufba; Bauru, São Paulo: Edusc, 2012.
- LAZZARATO, Maurizio. **Políticas del Acontecimiento**. Buenos Aires: Tinta Limón, 2006.
- _____. **Signos, máquinas, subjetividades**. São Paulo: Edições Sesc: n-1 edições. 2014.
- LIPOVETSKY, Gilles; SERROY, Jean. **A estetização do mundo: viver na era do capitalismo artista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- PRECIADO, Beatriz. **Manifesto contrassexual**. São Paulo: n-1 edições. 2014.
- RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível: estética e política**. São Paulo: EXO Experimental / Editora 34, 2005.
- ROLNIK, Suely. **Cartografia Sentimental: Transformações contemporâneas do desejo**. Porto Alegre: Sulinas, 2011.